

TEORIA DE CONTENÇÃO DO RIMLAND E EFEITOS NA PRÁXIS DA POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA

por Ariane Costa dos Santos¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a teoria geopolítica do autor Nicholas Spykman na formulação da defesa estratégica dos EUA no pós-Segunda Guerra assim como seus efeitos posteriores na formulação da política externa norte-americana. É desenvolvido aqui que sua teoria é dotada de caráter profundamente realista-ofensivo, prescrevendo ações imperialistas e prevendo a guerra para alcançar os interesses nacionais estratégicos. O objetivo desta análise é perceber as conseqüências práticas de sua perspectiva teórica maquiavélica-hobbesiana, lançadora das bases de uma política realista de ação preventiva norte-americana por toda a costa eurasiática, explicitando as conseqüências de uma teoria ofensiva de caráter preventivo.

NICHOLAS SPYKMAN E O REALISMO OFENSIVO

Renovado acadêmico e geoestrategista para a práxis da política externa norte-americana, Nicholas Spykman (1893-1943) lançou a base teórica geopolítica de ação norte-americana durante a primeira fase da Guerra Fria. Após testemunhar duas guerras mundiais e o fracasso do liberalismo wilsoniano no período entreguerras, sua teoria consolida um caráter realista-ofensivo, beirando o imperialismo e prevendo a guerra como forma última de conquista dos interesses nacionais estratégicos. Falecendo em 1943, Spykman acaba não testemunhando o resultado da II Guerra Mundial e o rompimento da Guerra Fria, mas ainda assim seus escritos foram de grande importância teórica na influên-

1 Graduada em ciências sociais pela UFRJ em 2010 e graduada em relações internacionais pela UFF em 2014.

cia dos policy-makers da política externa estadunidense a partir de então, com profundas repercussões na realidade e projeção de poder americano em escala mundial. Nicholas Spykman escreve *America's Strategy in World Politics* em 1942, pouco antes do ataque à Pearl Harbor e da subsequente entrada dos EUA na II Guerra Mundial. Nesse livro, ele analisa a realidade dos EUA no sistema internacional vigente e a posição do país frente à ebulição de uma guerra mundial, período no qual a opinião política interna americana se dividia na dicotomia do isolacionismo e intervencionismo. Posicionado nesta última categoria, Spykman defendia que os EUA deveriam romper com o ostracismo isolacionista, tradição de política externa desde que o país havia sido fundado², e adotar uma conduta proativa e intervencionista no sistema mundial. Para embasar seu argumento, ele procurou mostrar, com base no pensamento do geopolítico inglês Halford John Mackinder, que o isolacionismo não é mais uma opção na realidade vigente; uma vez que esta passou a ser marcada pela mundialização das relações internacionais e globalização dos meios de transporte e comunicação.

Dessa forma, Spykman herda a perspectiva mackinderiana de mundo como um sistema internacional fechado, caracterizado pela unicidade do oceano e de uma grande massa terrestre da Eurásia, em que esta última teria um papel central para o desenvolvimento de um poder terrestre e marítimo com alcance global³. Segundo essa perspectiva, o país ou o conjunto de países que lograsse exercer domínio sobre a grande massa eurasiática exerceria o papel de hegemom. Seguindo essa linha, a teoria spykmariana destacou a proximidade

2 Desde a independência, os EUA buscavam não se imiscuir nos conflitos de uma Europa da Velha Ordem, tendo o primeiro presidente, George Washington, demarcado as linhas originais de uma política externa isolacionista.

3 2 MELLO, I. Halford Mackinder e a Geopolítica do Heartland. In: Quem tem medo da Geopolítica? Pp.27-69.

entre EUA e Eurásia a partir de uma análise espacial com projeção azimutal centrada no Pólo Ártico. Com esse argumento, somado ao desenvolvimento do poder aéreo durante a Segunda Grande Guerra, Spykman vai de encontro às teorias isolacionistas de que os EUA estariam seguros devido à sua posição geoestratégica bioceânica. Ao contrário, ele destaca a vulnerabilidade dos EUA frente a uma eventual vitória e domínio eurasiático pela Tríplice Aliança com base na proximidade entre Europa e América do Norte a partir do Pólo Ártico.

O diagnóstico spykmariano que prevê ameaça à segurança estadunidense está centrado na percepção do desequilíbrio da balança de poder européia, com a ascensão de potências emergentes na costa eurasiática dotadas de projetos expansionistas: Alemanha, no Ocidente, e Japão, no Oriente. Somado a isso, ainda haveria o perigo da Rússia, superpotência demográfica e territorial, aliar-se aos dois primeiros, formando uma forte aliança no continente, à qual os EUA, dificilmente, teriam capacidade de fazer frente.

Dessa forma, segundo a teoria spykmariana, os EUA estariam vulneráveis a uma eventual unificação da Eurásia em um poder único maior ou um conjunto de poderes expansionistas que se projetassem para as Américas. Sob essa perspectiva, os EUA não poderiam deixar nenhum poder maior surgir na Eurásia, seja esse uma potência, uma aliança de potências, ou uma Europa unida federalista. Por isso, Spykman prescreve, como uma espécie de solução preventiva, que os EUA deveriam se projetar, a partir de um forte poder naval, para os oceanos Atlântico e Pacífico, iniciando um processo de domínio da costa eurasiática – o chamado Rimland⁴ - para assim, neutralizar toda a Eurásia - o Heartland. Segundo ele, “quem controla o Rimland, domina a Eurásia, quem domina a Eurásia controla os destinos do

mundo” (SPYKMAN, 1944, p.38). Sendo assim, o objetivo estratégico da política externa norte-americana deveria ser a manutenção do equilíbrio de poder na Europa, na forma de presença militar e formação de linhas de segurança transoceânicas no Rimland, que viraria área de contenção preventiva. Com uma compensação de forças excludentes no continente europeu não haveria poder excedente para se projetar além dos oceanos e ameaçar os EUA. Por fim, a estratégia de segurança spykmariana consistiria numa projeção mundial dos EUA neutralizando qualquer poder que, eventualmente, pudesse surgir para fazer frente ao poder americano.

Enquanto Mackinder propõe um cordão sanitário de isolamento, após a I Guerra Mundial, para separar uma eventual aliança entre duas potências do Heartland – a Rússia e a Alemanha, Spykman propõe o controle do Rimland pelo Atlântico e Pacífico, neutralizando as eventuais potências que surgissem na Eurásia central. Anos mais tarde, o resultado prático na política externa se materializa na criação da OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte - bloqueando a saída do poder continental russo para o oceano Atlântico - e da OTASE - Organização do Tratado do Sudeste Asiático, bloqueando a Rússia a partir do Pacífico.

SOLUÇÃO PAN-AMERICANA

Segundo a teoria intervencionista de Spykman, a solução última para uma eventual vitória dos países do Eixo seguida de expansão do domínio teuto-nipônico para as Américas, seria a elevação ao grau máximo de integração do continente americano, sob a liderança do Estado mais poderoso como forma de defesa. Nessa perspectiva, os EUA lançariam um domínio de caráter tutelar, formando linhas de defesa continentais ao longo da costa litorânea e isolando a América a partir de um pan-americanismo forçado.

Dessa forma, na visão de Spykman, um eventual ataque teuto-nipônico poderia levar à legitimação de uma dominação compulsória de todo o continente americano por parte dos EUA, passando por cima da

4 O Rimland, costa litorânea da área-pivô eurasiática, seria um espaço estratégico de projeção do denominado Heartland, área continental da Eurásia e de grande importância nas teorias geopolíticas.

soberania dos demais países, prevendo, inclusive, a destruição das economias regionais e colocando tudo sob a égide do colosso americano. O fim último de defesa e segurança contra um eventual imperialismo eurasiático justificaria, para Spykman, o meio pelo qual os EUA se defenderiam: às custas de outros países e povos, no exercício claro e ilegítimo da força. Em seus escritos, ao preconizar que alguns países sul-americanos poderiam apresentar oposição à essa hegemonia forçada, ele prevê a guerra como solução a qualquer eventual resistência:

“os países situados fora da nossa zona imediata de supremacia, ou seja, os grandes estados da América do Sul (Argentina, Brasil e Chile) podem tentar contrabalançar nosso poder[...]Nesse caso: uma ameaça à hegemonia norte-americana nessa região do hemisfério terá que ser respondida por meio da guerra.”(SPYKMAN, 1942, pg. 62)

É possível perceber essa mesma lógica maquiavélica de Spkyman sendo aplicada décadas mais tarde. O historiador José Luis Fiori relaciona a influência spkykmariana na prática de política externa americana nas décadas posteriores da Guerra Fria. Ao temer a influência do “perigo comunista” na sua zona de influência, os EUA tiveram relações estreitas com a ascensão de ditaduras militares de direita no Cone Sul.

“Pode-se dizer que Henry Kissinger seguiu rigorosamente as recomendações de Nicholas Spykman com relação ao controle desta região geopolítica[Cone Sul]. Sua única contribuição pessoal foi a substituição da ‘guerra externa’, proposta por Spykman, pela ‘guerra interna’ das Forças Armadas locais contra setores de suas próprias populações nacionais.” (FIORI, 2007, p. 2)

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA A AÇÃO OFENSIVA DE POLÍTICA EXTERNA AMERICANA

Em termos práticos, a solução geoestratégica de Spykman de contenção do Heartland a partir da costa litorânea eurasiática foi posta em prática na Guerra Fria como forma de estratégia americana de expansão-contenção. Segundo Leonel Itassu⁵, Spykman exerceu mais influência na política de contenção do expansionismo soviético inaugurada na doutrina Truman do que o próprio George Kennan, visto como pai da teoria de contenção. Contudo, independente da práxis política americana ter sido mais influenciada, quer pela análise de Kennan - na defesa de que a ideologia soviética era inerentemente expansionista – quer pela geopolítica de Spykman - de contenção do Heartland pelo Rimland – é importante ressaltar que as conseqüências de ambas as influências teóricas foram profundas.

Essa lógica ofensiva-preventiva na busca de conter um expansionismo que ainda não havia se mostrado real resultou no lançamento de uma política expansionista que formou um dos fatores determinantes na mudança das relações americano-soviéticas da aliança para a rivalidade. A sensação de ameaça e de insegurança - contida de forma precursora nas idéias de Spykman - influenciaram na aprovação, por um congresso americano majoritariamente conservador, da dispendiosa e intervencionista Doutrina Truman. Como resultado, inaugura-se uma coalizão antissoviética, de caráter ofensivo-preventivo a partir da ação militar da OTAN e da ação econômica do Plano Marshall, resultando no rompimento da aliança russo-americana da II Guerra Mundial e desencadeando um longo período marcado por medos, ameaças e paranóia, conhecido como Guerra Fria.

Dessa forma, parte da esquizofrenia da Guerra Fria teve sua origem em teorias realistas de caráter ofensivo, como a de Spykman. A ofensiva e o expansionismo iniciados pelos EUA levaram a uma resposta soviética de expansão não só ideológica, mas também

⁵ MELLO, I. Nicholas Spykman e a Geopolítica do Rimland. In: Quem tem medo da Geopolítica? Pp.93-118.

militar, com a formação do Bloco Soviético e criação do Pacto de Varsóvia. Ademais, a teoria de Spykman de controle estratégico do Heartland pelo Rimland, pode ter sido útil tanto para os policy makers americanos quanto pelos soviéticos. Dando as bases teóricas necessárias não só para a contenção da URSS pelos EUA, mas também lançando a idéia da própria expansão da URSS no Rimland eurasiático como área estratégica essencial de dominação russa da Eurásia.

Enquanto Woodrow Wilson buscava quebrar o isolacionismo global dos EUA a partir de uma perspectiva liberal de cooperação internacional, Spykman desejava a intervenção a partir de seu lado mais duro e ofensivo. O primeiro idealizou a Liga das Nações, que oferecia igualdade jurídica a todos os Estados e buscava a paz a partir do desarmamento e livre-comércio, o último preconizou a defesa preventiva de caráter ofensivo a partir da neutralização da Eurásia, sustentando o armamentismo e a balança de poder, além de um eventual imperialismo na América Latina caso as circunstâncias assim o exigissem. Esse tipo de teoria de raiz hobbesiano-maquiavélica influenciou negativamente policy-makers a tomar ações extremadas como corrida armamentista, desconfiança mútua, intervencionismo, medo constante de ameaças e ação ofensiva de caráter preventivo. Teorias de apologia à política de força que vão de encontro ao princípio da não-intervenção, respeito à soberania, cooperação internacional e prevenção da guerra são elaboradas sem se mensurar as conseqüências que elas podem trazer no âmbito da práxis política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIORI, José Luís (2007) Nicholas Spykman e a América Latina, *Le Monde Diplomatique* BR. 24/11/2007. <http://diplo.uol.com.br/2007-11,a2062>

KENNAN, George. *Sources of the Soviet Conduct*. Foreign Affairs, 1947.

MELLO, I. Nicholas Spykman e a Geopolítica do Rimland. In: *Quem tem medo da Geopolítica?* Pp.93-118.

MELLO, I. Halford Mackinder e a Geopolítica do Heartland. In: *Quem tem medo da Geopolítica?* Pp.27-69

SPYKMAN, Nicholas. *America's Strategy in World Politics*, Harcourt, Brace and Company, New York, 1942.[5]